

**FÁBRICA DE CIMENTO
PORTLAND
PERUS**

SUMÁRIO

- 04. ESTUDIO VERTICAL: RECONHECER SÃO PAULO
- 08. LUGARES PROIBIDOS
- 12. SARA BRASIL 1930
- 16. BONS TEMPOS
- 18. SITUAÇÃO
- 20. CRESCIMENTO URBANO
- 24. TRADIÇÃO MINERADORA
- 32. ABDALLA E QUEIXADAS
- 39. A FÁBRICA
- 42-75. LEGENDAS
- 77. O ENTORNO
- 79. CINCO MIL
- 85. SOBRE PERUS, DE PERUS
- 92. MOVIMENTOS SOCIAIS
- 97. EXPECTATIVAS
- 99. BIBLIOGRAFIA

ESTÚDIO VERTICAL: RECONHECER SÃO PAULO

O estúdio vertical é uma disciplina da Escola da Cidade que possibilita a integração de alunos de diferentes anos em um grupo de trabalho comum visando trabalhar diferentes abordagens para um tema geral escolhido semestralmente. No momento, "Reconhecer São Paulo" convida os alunos a refletirem sobre formas alternativas de apreensão e representação da cidade em que vivemos.

Dentro de uma cidade cuja lógica espacial irradia-se a partir de um centro denso, dotado de infraestrutura e serviços, construído e reconstruído há mais de 400 anos, cujos limites são capazes de abranger grande parte das obras já canonizadas de arquitetura da cidade, e atendo-se ao enorme contingente populacional que mora distante de tal realidade, acreditamos que a ação de redescobrir a metrópole passa por revelar espaços menos corriqueiros para um grupo de estudantes de arquitetura da Rua General Jardim.

O grupo 8 selecionou como objeto de estudo a Fábrica de Cimento Portland Perus, que além de ter sido a primeira e uma das mais importantes produtoras de cimento no Brasil durante os anos 1930 a 1950, foi o palco da maior greve operária do país e suas instalações encontram-se abandonadas, servindo de cenário e barricada para partidas fechadas particulares de airsoft, uma modalidade de disputa de tiros, na qual são disparados projéteis esféricos de plástico com armas de pressão, uma atividade que tem causado diversas avarias na estrutura do edifício, indo contra o que se espera de um edifício tombado. Em diversos documentos oficiais de zoneamento aquele espaço é apresentado, inclusive, como uma área de proteção ambiental com promessas de tornar-se um parque devido a sua significativa massa de mata atlântica.

O impasse entre os usos não-tão-legalizados, a reivindicação daquele espaço pela comunidade, os rumores sobre a criminalidade e os interesses do proprietário transformou a estrutura numa fortaleza.

Ninguém entra. Ninguém passa.

Sua localização geográfica (numa mancha urbana descolada vinte quilômetros do centro da cidade) e topográfica (implantada de forma que mesmo do bairro é praticamente impossível visualizar o conjunto de edifícios), são fatores decisivos para a atual situação de esquecimento que se encontra a fábrica.

Ninguém vê. Ninguém fala.

A falta de conhecimento sobre o lugar dificulta a adesão aos movimentos de reapropriação daquele espaço por indivíduos que não sejam dos limites locais do distrito.

Como forma de auxiliar na reversão dessa situação de forma provocativa através da divulgação do debate no círculo de estudantes e pessoas interessadas na temática utilizando as informações reunidas durante o processo de pesquisa histórica e em campo, guiados por conversas com pessoas do bairro, além de registros fotográficos autorais na forma de uma "molescola" -o guia que acompanha os alunos nas Escolas Itinerantes com informações teóricas e gráficas visando facilitar as visitas - para fazer o convite à reflexão:

o quão longe precisamos necessariamente nos deslocar para fomentar discussões acerca de arquitetura e urbanismo?

o que andamos negligenciando dentro dos limites de nosso próprio município?









BERUS

LUGARES PROIBIDOS

Durante os levantamentos iniciais de possíveis localidades destacou-se uma breve notícia de jornal sobre uma fábrica abandonada em Perus. As escassas informações sobre o lugar foram suficientes para impulsionar a curiosidade do grupo em relação à tudo aquilo que a reportagem parecia estar deixando de lado. Com o desenvolvimento de pesquisas mais direcionadas, o local revelou-se não apenas como uma gigantesca espacialidade, mas também dotado de inúmeras qualidades históricas, naturais e sociais.

Na primeira visita ao local, apesar das várias consultas em mapas e análise de percursos possíveis entre a estação Perus da CPTM e a Fábrica, nos encontramos perdidos. Foi necessário o auxílio de um vendedor ambulante que assinalou uma passagem estreita e nada óbvia, sob a garantia de segurança de sermos um grupo, e alertando "mas lá é fechado, não dá pra entrar não". Sem dúvida, é de conhecimento geral na comunidade que aquele é um lugar proibido.

O percurso causa muito estranhamento. Em momento algum na paisagem há qualquer sinal de estarmos próximos da estrutura industrial que esperávamos. Do largo da estação para uma viela, passando por um pátio de treinamento de motociclistas, seguindo numa estrada de chão batida, cujo limite visual é uma curva à esquerda, seguindo o curso d'água, acompanhados pelos trens partindo rumo à Jundiaí. Cumprida a curva, uma construção de tijolos do tamanho de uma casa, à direita, tomada pela vegetação da várzea, anuncia que estamos nos aproximando. Alguns minutos pra frente, finalmente, avistamos os grandes silos de cimento, sob o típico letreiro, da esperada fábrica, no topo de um talude de terra. Para tentarmos o acesso, seguimos numa espécie de corredor formado pelo refeitório e um barracão, fomos finalmente parados por um caseiro. "Não dá pra entrar não, não posso autorizar. Nem posso passar o telefone do responsável".

Após a primeira série de negativas, no caminho para casa, o responsável cruza conosco. "O que vocês querem? Trabalho? Pra que vocês precisam entrar aí? Tá tudo no Google!". Num golpe de sorte -e escondendo as conversas prévias com os movimentos sociais locais-, fomos permitidos no local.

Vinte metros à frente, rampa acima, enfim, emerge da topografia acidentada, possuída por um matagal insistente, a despeito das diversas tentativas de ocultação, um panorama completo da Fábrica e, ao mesmo tempo, a compreensão do porquê havia algo faltando naquela primeira reportagem sobre o assunto: apesar de qualquer esforço, nenhuma palavra seria capaz de traduzir com a veracidade necessária as sensações trazidas pela magnitude daquele espaço.

MAPEAMENTO 1930 - SARA





Rod. de Perús

P e r ú s

Estação de Perús

Hatched area

Rod. de Perús

SATÉLITE 2017 - GOOGLE





BONS TEMPOS

história da fábrica de cimento portland perus

A Fábrica é um elemento imprescindível para a história da construção do país, e, principalmente, da cidade de São Paulo. Foi a primeira unidade de produção de cimento em larga escala do Brasil, datando de 1926, a única concorrente – a Cimento Santa Rita, em Itapevi- instalou-se na região metropolitana de São Paulo apenas em 1957, portanto é seguro afirmar que saiu de Perus o cimento para a construção de edifícios muito significativos, como a Biblioteca Mário de Andrade, também em grandes intervenções em escala urbana, como os viadutos da Av. Nove de Julho, além de registros indicarem que parte da produção também foi utilizada para o abastecimento da construção de Brasília, símbolo máximo do Modernismo brasileiro.

A localização da indústria é cirúrgica. O então vilarejo de Perus, estrategicamente implantado no meio do caminho entre São Paulo e Jundiáí, pouso de tropeiros desde o século XIX, ganhou, em 1857, uma estação de trem da São Paulo Railway (Santos-Jundiáí) cuja função era o reabastecimento de água das locomotivas. Desse ramal principal, surge a Estrada de Ferro Perus-Pirapora, em 1914, voltada a atender romeiros, mas sem nunca cumprir tal mote: implantada na várzea do Rio Juquery, fez-se a infraestrutura perfeita para trazer o calcário extraído das tradicionais pedreiras de Cajamar até o entroncamento ferroviário que, em breve, se tornaria a primeira fábrica de cimento do Brasil, uma iniciativa a princípio canadense que passou seu comando ao polêmico J. J. Abdalla em meados da década de 1950.

É notável que durante esse período entre 1920 e 1950, no qual a população da cidade saltou de pouco menos de 600.000 hab para 5.200.000 hab, a fábrica de cimento chegou a atingir os incríveis 59% de produção do mercado nacional.

O complexo fabril contava com edifícios que cumpriam funções complementares às atividades industriais, como as vilas residenciais operárias: além da Vila Triângulo, ainda remanescente, com a Vila Portland e a Vila Nova dentro dos limites do próprio terreno, e, espalhadas pelo bairro, com a Vila Inácio, a Vila Operária e a Vila Hungareza, essa última, operários do ramo de sacaria em grande partes originários do leste europeu.

Essa variedade de núcleos formados em função da fábrica, somados aos dados que revelam a presença de 1.600 funcionários na empresa, nos indicam a vivacidade daquele espaço durante seu auge. A riqueza de usos alternativos ao trabalho sempre fez-se presente: de acordo com familiares de funcionários, havia uma intensa relação afetiva com o lugar, pois o tempo cotidiano era compartilhado entre as famílias dos operários, em sua maioria migrantes nordestinos, dividindo os bancos das missas, as comemorações típicas e outras atividades, inclusive, uma das perguntas comuns para os recém contratados especulava acerca de suas habilidades com o futebol, pois haviam partidas regularmente.

Essa harmonia durou até o controle da fábrica cair nas mãos do empresário J. J. Abdalla e as condições de trabalho reduzirem a convivência a um clima de tensão.



Rodovia dos Bandeirantes

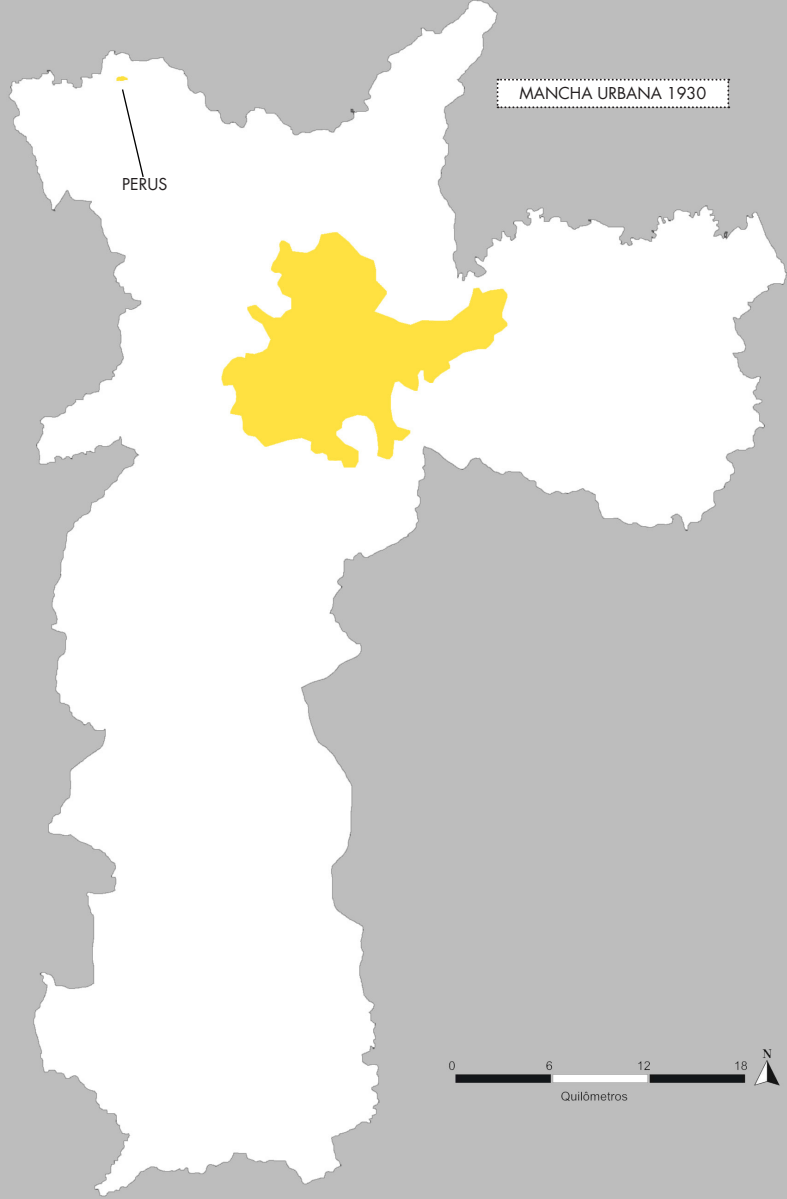
Rio Juquery

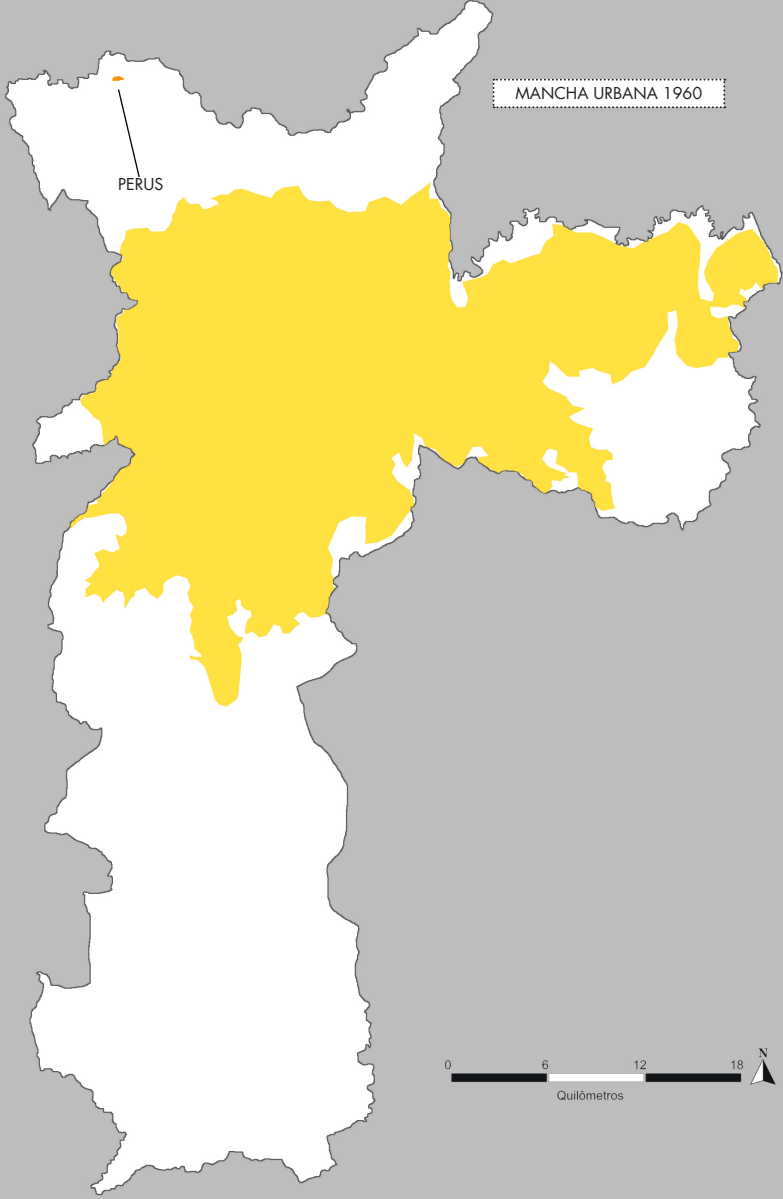
Estrada de Ferro Perus-Pirapora



Ferrovias São Paulo - Jundiaí

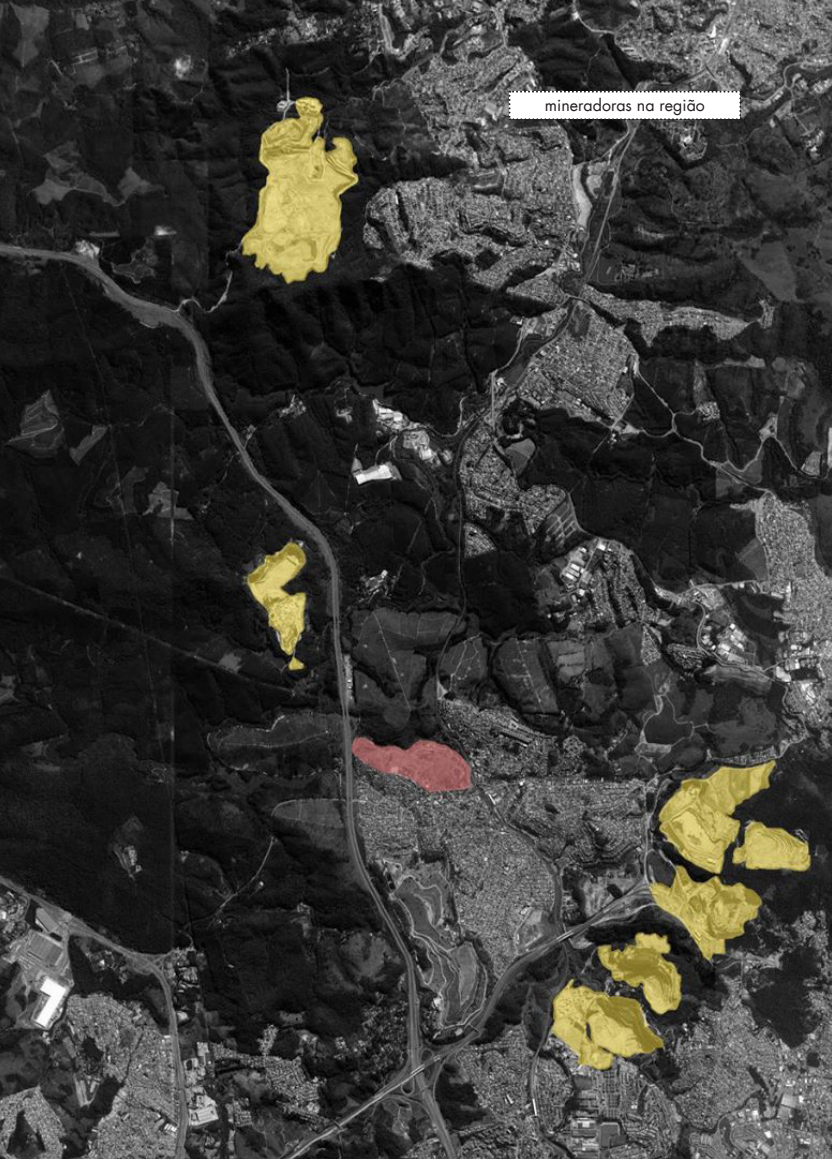
Estação Perus

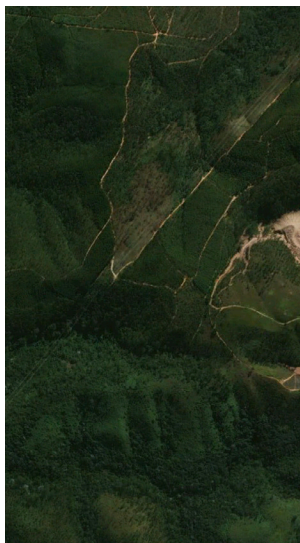






mineradoras na região













ANO	consumo nacional (t)	perus (t)	percentual da perus
1926	409.704	13.382	3,26 %
1928	544.176	87.964	16,16 %
1931	281.447	167.115	59,37 %





ABDALLA E QUEIXADAS

como o "mau patrão" causou a mais longa greve do Brasil

Durante os primeiros anos de gestão de Abdalla houve um grande aumento da produção (triplicada pelo crescimento da demanda) desacompanhado das devidas melhorias e manutenções nas instalações. Essa pressão para extrair a maior quantidade de lucro com o mínimo de investimento recaiu sobre os operários e foi responsável por surgir ali uma das mais importantes forças do movimento operário brasileiro: os queixadas.

O nome do grupo advém da estratégia do porco selvagem honônimo, que quando ameaçado busca seus companheiros e atacam em grupo. Tal organização estendeu-se para outras unidades que também faziam parte das propriedades de Abdalla, e outras indústrias da região que encontravam-se em situações precárias semelhantes.

A primeira greve foi organizada em 1958, durou 46 dias, e a partir de então nunca mais houve grande estabilidade para o patrão, oscilando períodos de maior ou menos instabilidade política. O grande destaque do movimento foi ter sido responsável pela maior greve do Brasil, com a duração de 7 anos e 4 meses de greve legal, em plena ditadura militar, durante os anos de 1969 a 1976. É notável também a participação ativa das mulheres dos operários, em manifestações e conversas com políticos.

Com a inconstância causada pelas greves e a contínua negação do gestor em investir e modernizar a linha de produção, a fábrica tornou-se obsoleta e as instalações foram, aos poucos, sendo desativadas, até extinguirem completamente suas atividades em 1986.

Esse histórico de luta operária sem dúvida é um fator que influencia a atual coesão e pluralidade dos movimentos populares no bairro de Perus.

AGREVE D.: "DERUS" DEUS TARDA MAS NAO FAZ
NIL FAMILIAS A RESISTIREM A
ESTE DO CIMENTO





LOWNDES

COMUNIDAD DE MADRID
DE J. J. ABUALLA
POR FALTA DE PAGAMENTO

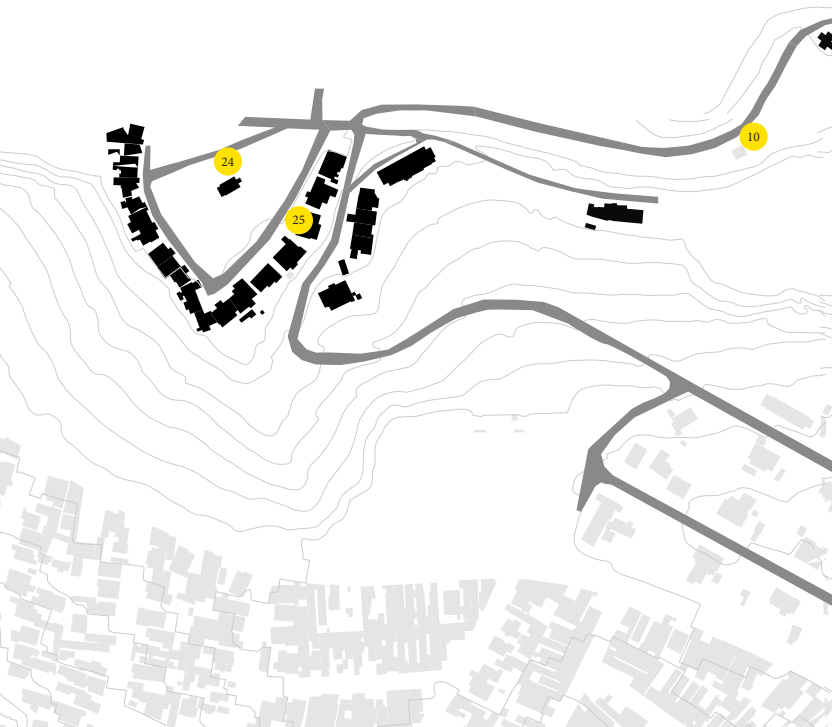
VIVA OPE
DOS DE
NO GRUPO

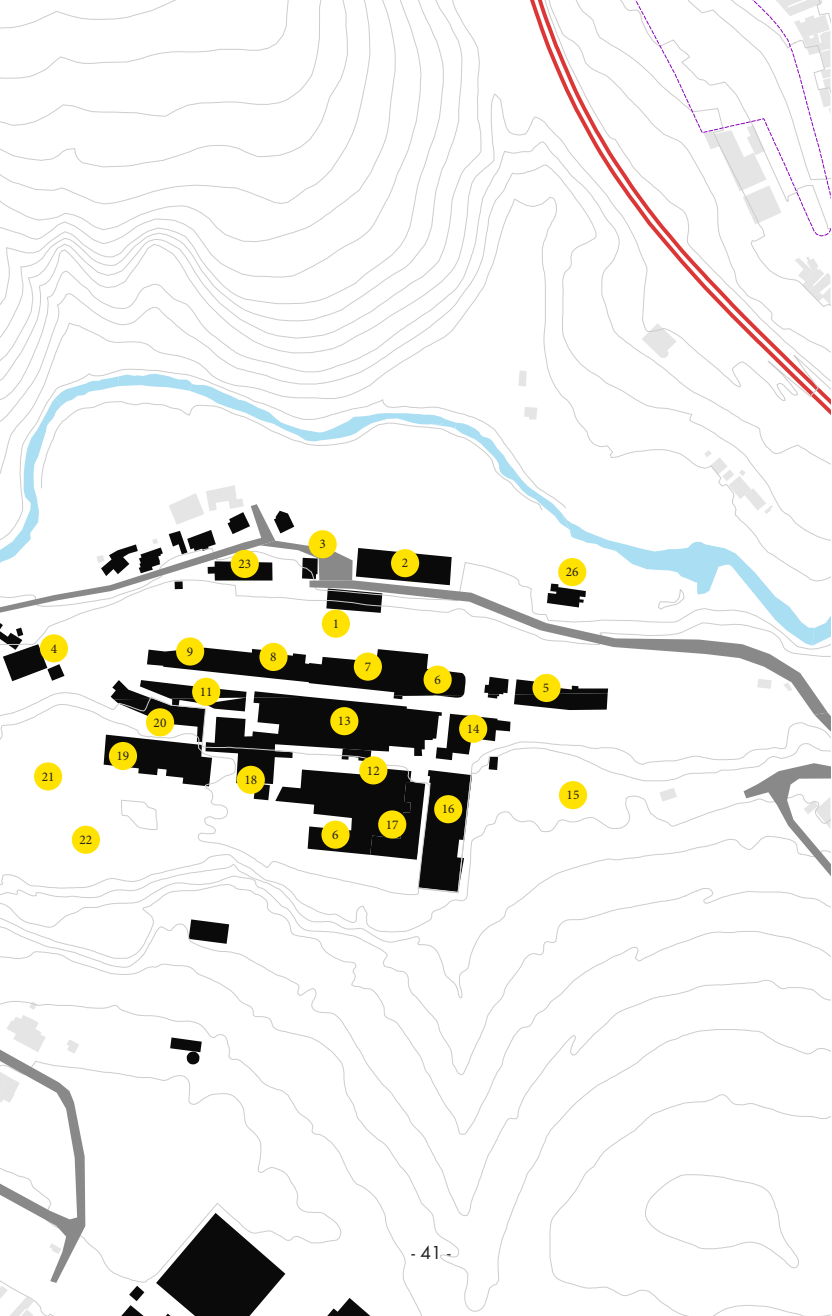
VIVA OPE

QUE
US



A FÁBRICA







1. SUBESTAÇÃO



2.RESTAURANTE



3. PORTARIA





4. BRITADOR





5. CARPINTARIA







6. CILINDROS DE CIMENTO



7. ENSACADEIRA





8. COMPRESSOR



9. OFICINA MECÂNICA



11. DEPÓSITO DE PEÇAS



12. CILINDROS DE MATÉRIA-PRIMA



13. MOINHOS





15. TANQUES DE ÓLEO





16. DEPÓSITO DE CLINKER





17. FORNOS E RESFRIGADOR





18. CHAMINÉS





19. DEPÓSITO DE PEÇAS



20. ADMINISTRAÇÃO + LABOTATÓRIOS





21. TRIPPER E 22. PÁTIO DE CALCÁREOS



23. ESCRITÓRIO





24. CAPELA E 25. VILA TRIÂNGULO



26. CASARÃO DO M

○ ENTORNO

CINCO MIL

O bairro de Perus é um exemplo típico de periferia. Seu desenho urbano caracteriza-se por um elevado uso do solo, com uma taxa de ocupação intensa, com áreas favelizadas e tentativas de solução do déficit habitacional por parte do Estado através da construção de conjuntos habitacionais de grande escala.

Esse tipo de solução pressiona ainda mais a precária infraestrutura de saúde, transporte, educação, serviços e espaços públicos e é dessa maneira com que estão sendo lidados os problemas relativos a habitação na região.

Encarando como quase certa transferência do CEAGESP da Vila Leopoldina para Perus, liberando para o mercado um terreno muito valorizado numa área cheia de infraestrutura em troca de uma região de mais fácil acesso para os caminhões e de valor fundiário muito inferior, é esperado nos próximos anos um grande aumento populacional no bairro.

O impacto dessa mudança não é só devastador para a demografia de Perus, mas também para o Patrimônio Industrial de São Paulo. De forma semelhante ao ocorrido em outras estruturas industriais, o grande lote industrial que abriga, na maior parte das vezes, uma ruína, é de mais fácil acesso e de menor custo para a construção de habitação de interesse social, sem que haja, no projeto, a incorporação de premissas de intervenção em pré-existências.

No terreno da fábrica há uma grande área determinada como ZEIS, na qual está prevista a construção de um conjunto de 5.000 unidades habitacionais.









CULTURA: SOBRE PERUS, DE PERUS

Em 1978, a tensão proletária existente na fábrica inspirou o grupo de teatro União e Olho Vivo, formado no Centro Acadêmico da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, um característico teatro de periferia reconhecido por recorrer a imagens e linguagens do folclore brasileiro para abordar temas de relevância social. Nasceu, então, a peça "Bumba, meu queixada", gravada também em disco, que discorre sobre as lutas dos Queixadas em Perus

"BUMBA, MEU QUEIXADA"

TRABALHO COLETIVO

TEXTO BASE

César Vieira

COORDENAÇÃO
DE
DIREÇÃO

Laura Tetti

COORDENAÇÃO
MUSICAL

José Maria Giroldo

ESTRUTURA DO ESPETÁCULO: **BUMBA, MEU BOI**

TEMA: **GREVES-PERÚS, OSASCO, CONTAGEM E ABCD**

ESTRÉIA: **TEATRO EXPRESSÃO - Novembro 79 - OSASCO**

CÉSAR VIEIRA

(nome artístico de *Liberal Vieira* - advogado de presos políticos)
melhor autor Nacional - 1971 - APCA
melhor autor Popular - 1981 - APCA
prêmio seminário Carioca de Dramaturgia - 1971
prêmio Teatro "El Galpón" - Uruguai - 1971
prêmio Anchieta de Teatro - 1978
jurado do Prêmio Casa de Las Américas - Havana, Cuba - 1979

LAURA TETTI

melhor atriz do Festival Mundial de Teatro - Polônia - 1973
revelação de figurino - 1973 - APCA
Indicação - melhor Direção - 1978 - "Mambembe" - SVT

JOSÉ MARIA GIROLDO

prêmio 1º Festival de Música Popular Brasileira - TV Tupi
selecção do 1º FEMBE de São José dos Campos
gratificação: RCA Victor e Marcus Prelo

O TRABALHO COLETIVO DO BUMBA, MEU QUEIXADA

levou dois anos e meio. Foram estudados dezenas de livros e foi feita enorme pesquisa. Na parte do "Bumba" foram de linense ajuda a obra completa de HERMILO BORBA FILHO e trabalho do Capitão de Bumba, meu boi, do Recife, Antonio Pereira. No lado das Greves auxiliaram sobre maneira os depoimentos de Luiz Ignácio da Silva (Luiz), Manoel Dias do Nascimento (Mané - que é personagem da peça), Mario Carvalho de Jesus e João Breno.

CENAS DA PEÇA

1ª CENA

- 1) APRESENTAÇÃO DAS FIGURAS DO "BUMBA, MEU BOI": Capitão, Mãe, Buzido, Catirina, Caboclo do Arco, Vaqueiro, Pastorinha, Cantadeira, Engenheiro, Maria da Ema, Valentim Tatuquê, Babau, Calpura, Manoel Costoso (Mané Pequeno) e o BOI.
- 2) A BELHA DA VERDADE: quem tem bom caráter lá vai beber leite e mel, quem não, mas caracatê vai sentir gosto de água no bico.

2ª CENA:

- 1) APRESENTAÇÃO DOS PERSONAGENS DO "PARQUE ARCO IRIS": Mesévio, pipaveira, cigano, empregado do Parque, São Kong, Bufalo Bô, Zé do Barato, Anatomizador e Engenheiro.
- 2) BRIGA: Os alunos queridos do parque contra os empregados do Parque.

3ª CENA:

A HISTÓRIA DOS "QUEIXADAS".

4ª CENA

A GREVE.

5ª CENA

- 1) TESTAMENTO DO BOI
- 2) DECISÕES que os empregados do Parque podem tomar:
 - IR À JUSTIÇA DO TRABALHO
 - ARREBENTAR O PARQUE E DEPOIS TOMÁ-LO
 - REUNIR-SE, DISCUTIR, ORGANIZAR-SE E DEPOIS AGIR. (SINDICATO, ETC...)
- 3) O Fim da peça com a música: "QUEM VAI QUERER SUA VIDA MUDAR?"
- 4) DEBATE:
 - sobre a comandade do teatro
 - sobre o sindicato
 - sobre o País, etc, etc...







A NÃO-VIOLENCIA APERTA
TODOS SOMOS IRMÃOS.

EIXADAS, TRABALHADOR
ENTO PERUS, JÁ LUTAR

No mesmo ano, foi gravado o filme "Os Queixadas", com um caráter mais documental, porém não consta disponível em nenhuma plataforma atualmente.

A MOBILIZAÇÃO DO BAIRRO

Atualmente, mais de quarenta grupos ou movimentos apoiam a causa da reapropriação da Fábrica de Cimento, na expectativa de um espaço aberto, de uso coletivo e que beneficie a enorme demanda local por fomento de cultura.

A ineficiência do Estado de prover tais condições criou no bairro uma forma de auto-mobilização muito expressiva, de forma que esses coletivos encontram-se todos minimamente articulados, acompanhando as decisões políticas tanto de forma informal, cada qual em seu respectivo espaço, como também de forma representativa em reuniões oficiais, como consultas participativas da subprefeitura local.

A produção cultural, pratica ou acadêmica, em geral, corrobora com o discurso de oportunidade aos jovens, bem como com a luta contra o racismo e com o genocídio da população negra.

A seguir, listamos alguns desses coletivos com seus objetivos individuais.

1. OCUPAÇÃO ARTÍSTICA CANHOBA

É organizada por coletivos culturais de Perus e tem como objetivo transformar um prédio público abandonado em espaço cultural.

Rua Canhoba, 299

<https://www.facebook.com/ocupacaoartisticacanhoba/>



2. COMUNIDADE CULTURAL QUILOMBAQUE

Uma organização sem fins lucrativos, com um espaço voltado à promoção de debates e eventos para o engajamento político e cultural dos jovens do bairro.

Travessa Cambaratiba, 125

<https://www.facebook.com/pages/Comunidade-Cultural-Quilombaque/812217195547049>



3. OCUPAÇÃO CASA HIP HOP PERUS

A ocupação tornou um dos prédios abandonados de Perus em centro cultural destinado ao HIP HOP

Rua Júlio Maciel, s/n

https://www.facebook.com/pg/casadohiphopperus/about/?ref=page_internal



4. COLETIVO BAGACEIRA

Reúne moradores, frequentadores, amigos, vizinhos, parentes e amantes do bairro de Perus, preocupados com a questão ambiental

Avenida Recanto dos Humildes, 85 (na praça)

<https://www.facebook.com/Coletivo-Bagaceira-1575531602677190/>



5. BLOG CULTURA EM PERUS

Divulgação do que acontece em Perus, bem como trazer para Perus o que acontece na cidade. Divulgar também editais, propostas e projetos no nível municipal, estadual e nacional

<https://culturaemperus.wordpress.com/>



6. AGENDAS- AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Gestão de conhecimentos para um desenvolvimento humano sustentável.

<https://www.facebook.com/Ag%C3%Aancia-de-Desenvolvimento-Social-122986121120006/>



7. SARAU D'QUILO

Criado coletivamente em meados de 2011, o Sarau D'Quilo é um encontro entre poetas de Perus.

<https://www.facebook.com/saraudquilo/>



8. JORNAL CULTURAL PERUS E ANHANGUEIRA

É um veículo de comunicação regional, que tem como missão: divulgar e difundir a cultura local, e servir o comércio e a população no Bairro de Perus

<https://www.facebook.com/Jornal-Cultural-Perus-e-Anhanguera-770856599640080/>



9. ARTEFERIA PERUS

Exposição e comercialização de produtos artesanais.

Praça Inácia Dias, ao lado da estação em Perus

https://www.facebook.com/pg/arteferia/posts/?ref=page_internal



10. STREET SON CREW

Grupo de breakdance criado em 1992. Realizam workshops, espetáculos, eventos, apresentações e batalhas

Rua Gavião, 95

<https://www.facebook.com/streetson/>



11. GRUPO PANDORA DE TEATRO

Desenvolve trabalhos contínuos de pesquisa e criação, além de oficinas, cineclube e festivais.

Rua Canhoba, s/n, ao lado do n333

<https://www.facebook.com/grupopandora.deteatro/>



12. METAMORFACES

Um grupo de teatro de mímica e bonecos formado por uma família de artistas.

[https://www.facebook.com/](https://www.facebook.com/MetamorfacesMimicaBonecos/)

[MetamorfacesMimicaBonecos/](https://www.facebook.com/MetamorfacesMimicaBonecos/)



EXPECTATIVAS

Diante de um semestre todo debruçados sobre a Fábrica de Cimento Portland, é perceptível que todas as potencialidades espaciais da área não se fecham em apenas uma esfera de discussão arquitetônica.

Estamos tratando de uma área gigantesca, no limite noroeste da capital, com potencial natural para tornar-se um atrativo na escala metropolitana.

Além disso, as implicações socioeconômicas de seu entorno exige a participação de órgãos sensíveis na elaboração de qualquer projeto de intervenção ali, tanto no tangente à intervenção em um ícone do patrimônio industrial paulistano (e brasileiro) como também no referente à necessidade de não apenas habitação, mas também de serviços e espaços públicos naquele bairro.

Basicamente, o discurso desse guia alinha-se com as demandas dos coletivos de Perus: o cerne da história do bairro está ali, e ela precisa de atenção. E a história da periferia continua sendo feita.

BIBLIOGRAFIA

AOUN, E. Lembranças de Perus – o bairro dos minérios. São Paulo, 2010.

ANSARA, S. Memória política: construindo um novo referencial teórico na Psicologia Política. Revista Psicologia Política – vol. 8, nº15, 2008.

ANSARA, S. O Legado da Greve de Perus: lembranças de uma luta operária. CADERNOS CERU, série 2, v. 20, n. 1, junho de 2009, p 241-256.

BEZERRA, M. A cimento Perus e a industrialização paulista e brasileira. Trabalho de Graduação Individual. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998

BEZERRA, P. Formas de resistência na periferia de São Paulo: o bairro de Perus e a força da memória nos movimentos. São Paulo, 2011. Monografia (Graduação em Geografia), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2011

BOSI, E. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHAVES, M. Da periferia ao centro da(o) capital : perfil dos trabalhadores do primeiro complexo cimenteiro do Brasil, São Paulo, 1925 – 1945. Dissertação (Mestrado em História) Campinas, SP : [s.n.], 2005.

GONÇALVES, A. “Perus”: a Violência dos Pacíficos – uma nova arma para uma velha luta. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo: PUC, 1989.

GOULD, L. Queixadas – por trás dos 7 anos de greve. São Paulo: Fapcom, 2013.

JESUS, M. A Força da Não-Violência – A Firmeza Permanente. Co-edição Layola-Veja, 1977. [S.l.].

JESUS, M. A “máfia” do cimento: desapropriação e autogestão na “Perus”. 2ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

JESUS, M. Cimento Perus: 40 anos de ação sindical transformam velha fábrica em Centro de Cultura Municipal. São Paulo: JMJ, 1992.

LOPES, A. Nosso bairro: História de Perus. Edição especial. São Paulo, 2008

SILVA, D. Construir no construído: projeto de uma universidade na antiga fábrica de cimento de Perus. Dissertação de Graduação. São Paulo: USP, 2011

SIQUEIRA, E. Melhores que o patrão : a luta pela cogestão operária na Companhia Brasileira de Cimento Portland Perus (1958-1963). Dissertação (Doutorado na Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas). Campinas, SP : [s. n.], 2009.

SIQUEIRA, E. Cia. Brasileira de Cimento Portland Perus: Contribuição para uma história da Indústria pioneira do ramo no Brasil (1926-1987). Dissertação de Mestrado, Araraquara: Unesp, 2001.

ZWETSCH, R. Da Não-Violência Ativa ou Firmeza-Permanente à Educação para a Paz. Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Escola Superior de Teologia – EST. "Audiência Pública discute impacto de projeto habitacional nos arredores da Fábrica de Cimento de Perus. Movimento Fábrica de Perus." São Paulo. Disponível em: <<https://movimentofabricaperus.wordpress.com/>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

"Fábrica de Cimento de Perus é tema de debate sobre patrimônio de SP no próximo sábado, 24". Movimento Fábrica de Perus. São Paulo. Disponível em: <<https://movimentofabricaperus.wordpress.com/>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

"E se lutas populares forem patrimônio histórico?" Movimento Fábrica de Perus. São Paulo. Disponível em: <<https://movimentofabricaperus.wordpress.com/>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

Universidade Livre e Colaborativa, Org. Pela delimitação do território da cultura e da paisagem Jaraguá/Perus na Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo de São Paulo na íntegra. São Paulo, 2 de agosto de 2015

Universidade Livre e Colaborativa, Org. Por usos compatíveis com o TICP Jaraguá/Perus, com ZEPAMs, ZPDs e ZPDES, ZEPEC e com a macrozona de proteção e recuperação ambiental na região noroeste do município de São Paulo: questões iniciais. São Paulo, 8 de agosto de 2015.

EV: RECONHECER SÃO PAULO
grupo 8

daniel colaviti
joana andrade
pedro mendonça
marina saboya

Associação Escola da Cidade
Arquitetura e Urbanismo
Rua General Jardim, 65, Vila Buarque